



A influência do estilo barroco na fotografia contemporânea: um olhar sobre a obra de Joel-Peter Witkin

Amanda Orlando MAGNANI
Isabelle Caroline Damião CHAGAS
André Melo MENDES
Universidade Federal de Minas Gerais¹

RESUMO

As obras de Joel-Peter Witkin são ainda hoje muito controversas. Por um lado, o fotógrafo é criticado por abordar temas que são considerados tabu, exibindo desde hermafroditas até cadáveres em sua fotografia. Por outro lado, o artista é aclamado pelas críticas que faz ao padrão estético ocidental através de suas imagens. O intuito do presente estudo é mostrar como Witkin, ao compor suas imagens se apropria de características pertencentes ao Barroco, sendo o mesmo compreendido aqui não como um estilo de época, mas como um conjunto de características próprias identificáveis recorrentes em vários períodos da história da arte.

PALAVRAS-CHAVE: arte; fotografia; barroco; Joel-Peter Witkin.

Introdução

Joel-Peter Witkin é um fotógrafo norte-americano cuja obra, provavelmente, jamais deixará de ser polêmica. Após ter atuado como fotógrafo documentando a guerra do Vietnã entre 1961 e 1964, Witkin decidiu transformar seu trabalho em produção artística. Filho de pai judeu e mãe católica, o artista sofreu em sua infância forte exposição a temas religiosos, o que influenciou suas obras a abordarem frequentemente uma relação entre o sagrado, o profano e a história da arte. Desde muito cedo, o fotógrafo teve de lidar com o grotesco e com a morte. Primeiramente através da presença doméstica constante de uma avó que só possuía uma perna, a qual se encontrava em processo de gangrena e, posteriormente, ao vivenciar, aos seis anos de idade, um acidente de carro no qual a cabeça decapitada de uma menina veio rolando até próximo ao local onde se encontrava (PARRY, 2001, *apud* MENDES, 2012). Na adolescência, ao visitar um circo de horrores, fascinou-se por um hermafrodita com quem acabou tendo sua primeira relação sexual. Todos esses fatores viriam, mais tarde,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 04 – Comunicação Audiovisual da Intercom Júnior do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.



a influenciar profundamente a obra do fotógrafo (PARRY, 2001, *apud* MENDES, 2012).

A obra de Witkin é singular de várias maneiras. Em primeiro lugar, devido à sua técnica: o artista desenha, antecipadamente, esboços do que pretende fotografar e monta toda a cena antes de fazê-lo, de modo que, para a realização de cada obra, raramente é levado a fotografar o mesmo objeto mais de uma vez. Além disso, ele se utiliza de técnicas pictorialistas, trabalhando as imagens *a posteriori*, o que faz com que cada fotografia seja uma peça única. (FABRIS, 2011, p.33)

No entanto, o grande diferencial das obras de Witkin se encontra nos temas que aborda e nas composições que cria. O fotógrafo retrata o ser humano como um ser dotado de defeitos e pecados, ao contrário daquele bom e perfeito, apresentado pelos fotógrafos humanistas. O artista fotografa cadáveres, hermafroditas, deficientes físicos, dentre outras pessoas que possam ser consideradas de alguma forma desviantes do padrão estético ocidental. Nessas fotografias, ele aborda temas como vida e morte, beleza e feiura, sagrado e profano, dentre outros. À primeira vista, muitas dessas obras podem parecer chocantes e mesmo repugnantes aos olhos dos observadores, devido ao que Witkin apresenta e à forma como o faz. As imagens são extremamente cruas e extravagantes, explicitando elementos que são ainda hoje muitas vezes tratados como tabus, tais como órgãos sexuais e membros em decomposição. Esta forma e este conteúdo, contudo, remetem a diversos elementos do estilo barroco, com o qual o fotógrafo compartilha inúmeras características, algumas das quais serão ainda aqui apresentadas.

Com a intenção de aprofundar os estudos sobre as variadas interfaces e possibilidades de análise e interpretação de diferentes obras fotográficas, com base não só naquilo que é observável à primeira vista, como também na iconografia dos artistas e nos diálogos com outras obras, o professor André Melo Mendes criou um grupo de estudos, através do qual tivemos a oportunidade de nos aproximar do trabalho de Joel-Peter Witkin. O presente estudo pretende discorrer sobre a relação entre suas obras e o estilo barroco, apresentando algumas das características que consideramos mais relevantes dentre aquelas que ambos têm em comum. Para tal, analisaremos as obras *Penitente* (1982), *Teatro di Morte* (1989) e *Alternates for Muybridge* (1984), lançando



mão de uma adaptação da metodologia dos *Mapas de Arlindo Daibert*, utilizada por André Melo Mendes em sua obra *A Mancha do Labirinto: a representação do mal e do ódio em imagens do Grande Sertão de Arlindo Daibert* (2011), para analisar as ilustrações feitas por Arlindo Daibert para a obra *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa. Foram escolhidas essas três obras por conterem elas alguns dos principais elementos e características das obras de Witkin, como, por exemplo, o uso de cadáveres e a encenação marcante que dá a teatralidade típica de suas fotografias.

Características Compartilhadas

As coincidências entre o Barroco e as obras de Witkin têm já início no histórico de sua aceitação diante do público. Assim como as obras do fotógrafo foram a princípio – e ainda são muitas vezes – vistas como algo negativo, extravagante e decadente, o Barroco, antes dos estudos de Heinrich Wölfflin, que romperam com essa visão, era “compreendido como destruição das formas positivas conquistadas no período anterior” (MAGNANI, 2013, p. 32). Com o tempo, tanto em um caso quanto no outro, foi-se admitindo o valor artístico de suas produções. É importante ter em mente que considera-se aqui o Barroco não como um estilo pertencente a uma época determinada, mas como um estilo diferenciado que possui características próprias.

As obras de Witkin são, de certa forma, um retrato de sua história e das influências que o artista sofreu ao longo de sua vida. Dentre essas influências encontra-se, com grande intensidade, a já mencionada atitude religiosa. Muito do trabalho de Witkin é inspirado em temas religiosos e em pinturas famosas e históricas de diferentes períodos, que abordam temas caros ao barroco. Essa característica religiosa fica muito clara em obras do artista como *Queer Saint* (1999), *Mother and Child* (1979), e *Penitente* (1982) que retratam, respectivamente, uma cabeça decapitada presa a um esqueleto ao qual foram introduzidas duas flechas, remetendo à história de São Sebastião; uma mulher carregando um filho ao colo, que nos remete à idéia da *Madonna* que tem em seus braços o menino Jesus; e uma pessoa presa a uma cruz, ao centro de outras duas cruzes, remetendo à crucificação de Cristo. Esta última imagem será analisada de forma mais detalhada neste artigo. O mesmo enfoque religioso pode ser visto em obras de arte barrocas, especialmente naquelas dos séculos XVII e XVIII na Europa Católica, dado que esta investe muito na representação de cenas bíblicas ou



imagens de santos, no contexto da contrarreforma. São exemplos disso as obras *Crucifixo* (1630) de Diego Velázquez e *A Morte e as Idades do Homem* (1540) de Hans Baldung Grien.

Contudo, enquanto as obras barrocas se utilizam dessas imagens para persuadir seus observadores quanto à grandiosidade da Igreja e à importância de seus valores, as fotografias de Witkin fazem paródias, criticam esses mesmos valores e também a própria instituição. Apesar de abordar temas religiosos, Witkin nunca os reafirma. Ao contrário, ele quer mostrar o quanto eles são opressivos e excludentes. O que a Igreja Católica consideraria como pecaminoso ou digno de repúdio é exatamente aquilo que Witkin representa mais explicitamente, de maneira “positiva”.

Outra característica compartilhada pelo estilo barroco e pelas obras do fotógrafo é exatamente o uso da imagem como forma de sensibilização e persuasão do espectador. Embora defendam discursos muito diferentes, quando não opostos e contraditórios, tanto o primeiro quanto o segundo fazem com que a imagem se torne um argumento. Enquanto o barroco, em geral, principalmente quando se considera seu viés religioso, defende muitas vezes, como já foi mencionado anteriormente, os valores cristãos como bons e necessários, as obras do fotógrafo argumentam exatamente o contrário: elas defendem que esses valores são excludentes, e que aquilo que a Igreja considera como mau e pecaminoso não é, na verdade, negativo. Ao criar uma fotografia, Witkin tem consciência do poder persuasivo das imagens e, fazendo bom uso do mesmo, pretende expor ao público uma crítica que perpassa toda a sua obra: ele parece querer provar que o padrão estético ocidental é arbitrário, e o faz apresentando ao público exemplos de pessoas que são abandonadas às margens da sociedade pelo simples fato de não se adequarem a esses padrões.

Um aspecto interessante dessa relação entre os dois estilos é que, mesmo defendendo, em certos momentos, discursos diferentes, ambos lançam mão de elementos e características muito semelhantes. Um desses elementos é o estranho, o grotesco. Em sua obra *A História da Feiúra*, Umberto Eco (2007) afirma que “o gosto pelo extraordinário, pelo que pode despertar assombro e maravilha aprofunda-se no Barroco.(...) Dessa maneira, Maneirismo e Barroco não temem recorrer àquilo que, para a estética clássica, era considerado irregular.” (ECO, op. cit, p.169). Esse mesmo gosto



perpassa toda a obra de Witkin. O fotógrafo apresenta em suas imagens, como já foi mencionado anteriormente, toda sorte de seres à margem da supremacia estética ocidental, chegando mesmo a representar em inúmeras obras a morte, em contraposição à celebração da vida presente na leveza e harmonia clássicas, celebração esta que, em alguma medida, o Barroco também abandona. A obra *Teatro di Morte* (1989), que será analisada posteriormente, ao apresentar um feto, a cabeça de uma pessoa velha e um crânio, faz reflexão sobre a fugacidade da vida e a certeza da morte, ao mesmo tempo em que remete à temática das *vanitas*, muito recorrente no Barroco. Ao representar o imperfeito, contudo, Witkin não o faz de forma a criticá-lo, não o apresenta como algo “ruim”. Ao contrário, ele o defende, e reforça sua existência como algo real, normal e presente, que a sociedade se esforça para omitir.

A última característica em comum a ambos os estilos que abordaremos no presente estudo diz respeito à forma, ao modo como as imagens são apresentadas. Witkin adota em suas obras o excesso e a extravagância próprios também das imagens barrocas. Embora suas obras nem sempre contenham o exagero de elementos que o barroco traz como forma afirmativa de seu poder e de sua riqueza, elas são, por si só, extravagantes. A forma superlativa com que ele retrata seus personagens, expondo tudo o que neles poderia ser considerado tabu e deixando explícitas imagens chocantes que causam estranhamento, por mais que nem sempre apresente o número excessivo de elementos que fazem do barroco um estilo tão hiperbólico, é extravagante. Pode-se perceber ainda nas obras de Witkin certa teatralidade: as imagens são claramente encenadas com o intuito de criar uma associação com pinturas, o que é reforçado pelo já mencionado trabalho realizado nas imagens *a posteriori*, tornando-as obras de arte com um valor único.

Análises

Apesar de existir na materialidade de qualquer imagem alguma forma de significação, sabe-se que é impossível a objetividade total em sua leitura e compreensão. Tendo isso em vista, as análises que se seguem de três obras selecionadas de Joel-Peter Witkin buscam apresentar os aspectos que consideramos mais importantes de suas produções, relacionando-as de maneira coerente com algumas das características barrocas que a nosso ver são as mais relevantes dentre aquelas passíveis

de identificação nestas imagens. As análises que se seguem foram baseadas no histórico do artista, em iconografia presente em inúmeras obras ao longo da história da arte, e nas pesquisas realizadas com a orientação do professor André Melo Mendes, durante os encontros do já mencionado grupo de estudos.

Assim como acontece no Barroco, cujas obras incorporam aspectos da cultura cristã ocidental, diversas imagens de Witkin tratarão sobre temas afins, entretanto, de maneira distinta. Enquanto no primeiro caso há a preocupação em reafirmar e reforçar a importância da fé católica frente a conflitos religiosos, principalmente no período da contrarreforma, através da representação de temas e personagens bíblicos, no segundo há um movimento contrário: o fotógrafo confronta esses valores religiosos estabelecendo relações muitas vezes paródicas com imagens históricas.

Figura nº 1 – Witkin, Penitente (1982)



Em *Penitente* (1982), Witkin retrata uma paródia da crucificação de Cristo, acontecimento bíblico importante para os cristãos e tema recorrente na pintura barroca, já tendo sido representado, por exemplo, por artistas como Diego Velázquez em sua obra *Crucifixo* (1632), já anteriormente mencionada. Na obra barroca, a redenção de Cristo é representada como um ato de sacrifício e amor, no qual Jesus Cristo, enviado por Deus, foi crucificado para levar consigo todos os pecados da humanidade, libertando-a da culpa e dando-lhe a possibilidade da salvação após a morte através da ressurreição deste.

Na obra de Witkin, de forma diversa, o homem fotografado apresenta-se com uma expressão desesperada que enfatiza a crueldade humana no ato de crucificar de forma tão bárbara aquele que, ao contrário de um Cristo que estaria livrando o mundo do pecado, seria a encarnação do mesmo. Ao contrário do que ocorre nas imagens barrocas, o homem aqui crucificado, por ser um desviante da estética dominante, é encarado como alguém que traz ao mundo o pecado, ao invés de livrá-lo deste. As caveiras ao pé da cruz central, elemento muito presente em imagens barrocas de cunho religioso, enfatizam essa leitura, remetendo à idéia do pecado original de Adão e Eva, os quais, através de sua desobediência, teriam transmitido aos seres humanos o legado da falta e do sofrimento.

Já os outros dois personagens, representados também presos a crucifixos, remetem aos ladrões que, segundo a Bíblia, obtiveram a misericórdia de Cristo, que lhes perdoou e garantiu a salvação. Ao utilizar dois primatas para representá-los, Witkin sugere a idéia contrária: a esses homens, por terem cometido alguma transgressão, não foi concedida misericórdia, e sim um julgamento impiedoso e uma desumanização.

As oposições entre a morte e a salvação, o humano e o animal, assim como o puramente humano e o divino, nesta obra do fotógrafo, constituem características inerentes ao estilo de representação do barroco. Além disso, há a presença de outras importantes características comuns ao barroco e ao estilo presente nas obras de Witkin, como a utilização do *chiaroscuro* e do emocionalismo, os quais contribuem para a dramaticidade dos personagens, conferindo um maior impacto na leitura da obra e aproximando-a de seu observador, no sentido de influenciá-lo a sentir a mesma dor daquele que é representado na fotografia.

Figura nº 2 – Witkin, Teatro di Morte (1989)



A segunda imagem analisada, *Teatro di Morte* (1989), trabalha, principalmente, com o aspecto da teatralização, muito presente tanto em Witkin quanto no Barroco, caracterizado pela produção de metáforas visuais através da montagem de uma cena, criando zonas de maior luminosidade, que concedem maior destaque a alguns aspectos e elementos da imagem. Nesta obra, já mencionada anteriormente, observa-se claramente a abordagem da morte e da fugacidade da vida, temas muito caros ao estilo barroco. Nela, há a presença de um feto mal formado, que pode sugerir a ideia do nascimento e da vida; a cabeça de uma pessoa velha em decomposição, que pode remeter à ideia do envelhecimento; e uma caveira, representando a morte. Esses elementos foram dispostos de maneira a compor uma imagem triangular, formato que reforça a ideia de certa ascensão da vida humana em direção à morte. É interessante notar que a ideia do fim da vida é aqui muito forte dado que, proporcionalmente, não só a caveira é maior e está à frente dos outros elementos, como está, também, mais iluminada. Além disso, os elementos estão dispostos de tal maneira que a leitura da imagem, para que se perceba uma ordem cronológica, é feita no sentido anti-horário.

Tendo em vista o tabu que circunda, em nossa cultura, temas relacionados à morte e ao envelhecimento, a forma com que Witkin os aborda, por ser extremamente crua e explícita, acaba por se tornar exagerada e grotesca, características que, como já mencionamos, são também marcantes no estilo barroco. O fotógrafo, ao utilizar corpos mortos, muitas vezes em decomposição, pretende provocar, em seus observadores, reflexão, não sobre a fugacidade da vida e a inevitabilidade da morte em si, como faz o estilo barroco, mas sobre a forma com a qual a sociedade lida com a ideia da morte. No geral, ela é vista como um tabu, um tema sobre o qual se evita falar. Em nossa sociedade, a morte é um tema temido, e por essa razão, evitado. Já o corpo morto é visto como algo grotesco e horrendo.

Figura nº 3 – Witkin, *Alternates for Muybridge* (1984)



Na última imagem a ser analisada, *Alternates for Muybridge* (1984), o fotógrafo aborda outro tema que é muito presente em sua obra: a crítica ao padrão estético ocidental. O fotógrafo apresenta nesta obra um hermafrodita e uma mulher obesa, personagens marginalizados em nossa sociedade. Nela está presente, principalmente, o elemento grotesco, possível de ser identificado também em obras de arte barrocas. Como foi mencionado anteriormente, ao representar o estranho, Witkin não pretende condená-lo como algo perverso ou digno de repúdio, e sim, contrapô-lo à representação do corpo feio no estilo clássico, o qual impunha a perfeição e a simetria como cânones de beleza e representação estética. Na fotografia em questão, essa composição é realizada através da posição dos corpos, que explicita neles o que na sociedade ocidental é visto como disforme e imperfeito, ao mesmo tempo em que demonstra e defende que nesses mesmos corpos existe também o belo.

A forma com que Witkin transforma, nesta obra, o feio em algo digno de admiração, no sentido de que merece ser retratado e exposto, está também presente no estilo barroco. Segundo Umberto Eco (op. cit., p. 159), os artistas barrocos, ao representarem o grotesco, seja na pintura ou na literatura, não o faziam encarando-o como elemento de repulsa, e sim como elemento atrativo. Tanto nas representações barrocas quanto nas fotografias de Witkin, o horrendo foi dissociado da idéia de falta de harmonia e bondade de espírito, e a imagem dos personagens marginais da sociedade ganharam novos significados.

Conclusão

Assim como as primeiras obras barrocas o foram em seu tempo, as obras de Witkin são até hoje muito criticadas. Se por um lado existe a crítica à sua estética, que está, até certo ponto, ligada ao gosto pessoal, por outro, o fotógrafo sofre críticas éticas e morais. No âmbito da moral, o artista é criticado pela forma com que expõe tabus, reforçando, por exemplo, a beleza de corpos nus, que segundo os valores da sociedade ocidental são a representação da impureza, do pecado, da falta de pudor. Já no âmbito da ética, alguns críticos acreditam que Witkin abusa de seus modelos ao submetê-los a uma forma de exposição considerada degradante, além de cometer, de certa forma uma “heresia”, ao utilizar-se de cadáveres reais para fins artísticos.

O artista se utiliza desses métodos, contudo, com a intenção de causar estranhamento e mesmo repulsa naqueles que observam suas obras, forçando-os a refletir a respeito daquilo que ele apresenta. As imagens produzidas por ele são fortes e



impactantes, o que faz com que não passem despercebidas por aqueles que têm alguma forma de contato com elas. É através desse elemento, também característico do barroco, que Witkin apresenta, de forma muito veemente, sua crítica ao padrão estético ocidental. O fotógrafo acredita que esse padrão é arbitrário e que desconsidera um grande número de indivíduos que, por mais que se queira esconder, existem e são parte integrante dessa mesma sociedade que os marginaliza. Através de suas imagens, o artista pretende ainda defender que esse padrão deve ser desconstruído.

Para formular suas críticas, Witkin se utiliza de elementos do estilo barroco por ser este, historicamente, não só um estilo que valoriza as contradições as quais representa, afastando-se da simetria e harmonia como únicas formas possíveis de se representar o belo, como também um estilo que, desde o princípio, utilizou suas imagens disformes e extravagantes com o intuito de persuadir, através de uma forma chocante de sensibilização.

Bibliografia

ECO, Umberto. *A Feiúra da Mulher entre a Antiguidade e o Barroco*. In: ECO, Umberto. (Org.). *História da Feiúra*. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 159-177

FABRIS, Annateresa. *Na encruzilhada: arte e fotografia no começo do século XX*. In: FABRIS, Annateresa. *O desafio do olhar: fotografia e artes visuais no período das vanguardas históricas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FIGUEIREDO, Lucy. *Imagens Polifônicas*. In: FIGUEIREDO, Lucy. *Imagens Polifônicas: corpo e fotografia*. São Paulo: Annablume, 2007. p. 59-62

LITTLE, Stephen. *Barroco e Rococó*. In: LITTLE, Stephen. *...ismos para entender a arte*. São Paulo: Editora Globo, 2010. p. 40-67

MAGNANI, Maria Cláudia Almeida Orlando. *Cultura Pictórica e o Percurso da Quadratura no Arraial do Tijuco no Século XVIII: entre o decorativo e a persuasão*. 2013, 428 f. Tese (Doutorado em História da Arte) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2013.

MENDES, André Melo. *Imagens que podem pensar*. In: MENDES, André Melo. *Mapas de Arlindo Daibert: Diálogos entre Imagens e Textos*. Belo Horizonte: Com Arte, 2011. p. 112-141



MENDES, André Melo. *A Transgressão do Corpo Nu na Fotografia: o retorno dos corpos decadentes*, in Revista UFMG, Belo Horizonte, n.19, p. 59-75, jan. /dez. 2012.

PARRY, Eugenia. *Joel-Peter Witkin 55*. Londres: Phaidon, 2001.

SIBILIA, Paula. *Imagens de corpos velhos: a moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais*. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2012.